

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Os jesuítas no processo de conquista da Capitania do Rio Grande –  
os olhares de Tavares de Lira e Câmara Cascudo.**

Bruna Rafaela de Lima\*

**Resumo:** A historiografia clássica norte-rio-grandense, responsável pela escrita da história do período colonial do Rio Grande do Norte, tratou da atuação jesuítica como um elemento propiciador da colonização, apresentando os missionários inicianos como plenamente identificados com a atuação dos colonos. Um dos indícios dessa percepção se evidencia no uso de determinados conceitos como os de *catequização* e *pacificação*, a eles atribuídos e que reduziram o papel dos jesuítas a um primeiro momento do processo de colonização, obscurecendo toda uma complexidade que caracterizou o período posterior. Nesta comunicação, analisamos os discursos de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo sobre a atuação jesuítica no Rio Grande do Norte durante o período colonial.

**Palavras-chaves:** historiografia, discursos, jesuítas.

**Abstract:** Rio Grande do Norte (RN) classical history, answerable for the writing of RN colonial period, discoursed about Jesuit acting as one of the causes of colonization, showing the first missionaries as fully identified with the settler's acting. That is testified when we see concepts as catechization and pacifying, which reduced the role of the Jesuits to the first step of the colonization, darkening a complexity that characterized the posterior period. Having said that, we analyze the speeches of Augusto Tavares de Lira and Luís da Câmara Cascudo about the Jesuit acting in RN during the colonial period.

**Keywords:** historiography, speeches, Jesuit.

Na América Portuguesa, a Companhia de Jesus foi responsável pela intermediação nas relações entre índios e colonos, no que diz respeito às questões envolvendo o uso da terra e o aproveitamento da mão-de-obra escrava ou livre. No que concerne à Capitania do Rio Grande, a Historiografia Clássica Norte-rio-grandense referenciou a atuação dos inicianos nos diversos momentos dos três primeiros séculos da conquista, enfocando, sobretudo, o caráter de mediação cultural desenvolvido pelos missionários junto à população nativa. Partindo desse pressuposto, objetivamos efetivar uma análise dessa historiografia, no

---

Bolsista CAPES – Mestranda em História do PPG da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), fazendo parte da linha de pesquisa: Populações Indígenas e Missões Religiosas na América Latina, sob a orientação da professora Eliane Cristina Deckmann Fleck.

intuito de verificar como autores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte descreveram a atuação missionária jesuítica na Capitania do Rio Grande.

Por Historiografia Clássica Norte-rio-grandense entendemos, conforme Denise Monteiro, o que corresponde à primeira fase da produção histórica potiguar, a qual se deu nos primeiros setenta anos do século XX. Foi caracterizada pela produção de historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, cuja matriz teórica estava fortemente vinculada à concepção positivista de história e escrita da história, de uso comum no século XIX, tendo como principais características a predominância da descrição sobre a interpretação, originando uma história factual, no sentido de não apresentar análises mais profundas sobre as bases documentais estudadas. Essa historiografia, cujos principais representantes foram Tavares de Lira, Rocha Pombo e Câmara Cascudo, transformou-se em uma matriz para os trabalhos posteriores, sejam eruditos ou acadêmicos (TAKEYA, 1994: 8-11).

Tavares de Lira e Câmara Cascudo fizeram parte de uma historiografia que se preocupava com a consolidação do Estado Nacional e com o fortalecimento de uma identidade para o país. Diante desse momento histórico - historiográfico, a História do Rio Grande do Norte de Tavares de Lira e por vezes a de Câmara Cascudo. Foi construída com características, entre outras, a de não trazer bibliografias e nem listagem das fontes utilizadas ao fim da obra, mas a de fazer referências no corpo do texto à bibliografia consultada; citando, às vezes, autor, título, volumes e páginas, utilizando aspas para identificar as citações – além de expressar o discurso das fontes, na medida em que há citação de longas passagens – e, ao final, concluir com a sua versão da história a partir do que foi dito pelos documentos.

O tratamento dado pela historiografia brasileira que se dedicou aos estudos das missões religiosas, especificamente dos jesuítas, foi prioritariamente relacionado com a capacidade dos padres de serem “mediadores culturais<sup>1</sup>” entre os dois mundos - o europeu e o americano -, ou seja, seu papel político que foi posto em destaque durante o processo de colonização. Uma vertente da historiografia viu os jesuítas como meros “destruidores de almas” e a outra os enalteceu como os “heróis” responsáveis pelo sucesso da colonização portuguesa na América<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Entendemos *Mediadores Culturais* como sendo agentes sociais que favorecem as transferências e os diálogos entre universos aparentemente incompatíveis, elaborando mediações, muitas vezes insólitas e contribuindo com sua articulação para a permeabilização das fronteiras culturais, são os responsáveis pelo trânsito de e entre culturas, tal conceito nos faz remeter as ações empreendidas pelos jesuítas, segundo as histórias por nós analisadas. Esse conceito foi retirado de QUEIJA, 1997: p. 10, e de PAIVA, 2002: p. 9.

<sup>2</sup> Ver mais sobre esses estudos em PERNETTA, 1903, que segundo consta na introdução de LOPES, 1999, esse autor se coloca na perspectiva dos que abominam a ação dos missionários. Na visão oposta, temos os que enalteciam a ação jesuítica, como o historiador da Ordem LEITE, 1938.

A Historiografia Clássica Norte-rio-grandense foi influenciada pelo que estava sendo escrito na historiografia nacional, principalmente a que os considerava heróis da colonização e, sendo assim, os jesuítas foram tidos como coadjuvantes no processo de conquista da Capitania e da fundação da cidade do Natal, não sendo feita nenhuma análise mais apurada da atuação inaciana na Capitania do Rio Grande. De acordo com Fátima Martins Lopes, os primeiros pesquisadores-historiadores, sócios do IHGRN, realizaram suas pesquisas no acervo de documentos do próprio Instituto e se utilizaram também dos relatos dos cronistas, publicando os resultados na revista da instituição. Os historiadores tradicionais abordaram o tema das missões no Estado de forma superficial, pois tinham uma preocupação direcionada à história da colonização portuguesa na Capitania do Rio Grande, como exemplos desses autores, citamos: Vicente Lemos, Tavares de Lira, Rocha Pombo, Câmara Cascudo e Tarcísio Medeiros (LOPES, 1999: 12).

Diante do interesse de estudar como a atuação inaciana foi percebida nos trabalhos da Historiografia Clássica Norte-rio-grandense - especificamente nos livros *História do Rio Grande do Norte*, de Tavares de Lira e Câmara Cascudo -, procuramos entender quais foram os procedimentos metodológicos utilizados por esses autores na análise das fontes e também em que medida eles reproduziram os conceitos encontrados nos documentos trabalhados. Para efetivar o nosso objetivo, escolhemos alguns conceitos utilizados pelos autores supracitados, tais como, **catequização e pacificação**, para estabelecer a existência de uso comum ou não com os conceitos de suas fontes.

No que foi escrito sobre os jesuítas na História da Capitania do Rio Grande, pelos dois autores estudados, percebemos que foram colocados como responsáveis pela mediação cultural na conquista da capitania, atuando na busca pela “paz” nos conflitos entre indígenas e colonos. Esta historiografia não se preocupou em estudar os diferentes significados da referida atuação, deixando-a apenas evidente como elemento propiciador da colonização e colocando os jesuítas a favor da atuação dos colonos. Tal posicionamento é compreensível, tendo em vista que a produção de Tavares de Lira e Câmara Cascudo atendia ao momento da historiografia do início do século XX, que estava preocupada com a construção e consolidação de uma identidade própria.

Um dos resultados dessa pesquisa é a percepção da continuidade da utilização de alguns conceitos utilizados nos documentos coloniais, que demonstram o papel dos missionários conforme o primeiro momento do processo de colonização, deixando de fora a fase das missões de aldeamento, durante e após a guerra dos Bárbaros, e a da política

pombalina<sup>3</sup>. A partir do estudo dos conceitos utilizados como **pacificação e catequizaço**, entre outros, percebemos que o discurso que foi construído, a respeito da atuação inaciana, foi um discurso reprodutor do que as fontes “falaram”. No caso do que foi escrito por Tavares de Lira, podemos dizer que foi baseado no que os cronistas escreveram. As passagens sobre a atuação jesuíta na Capitania são em sua maioria retiradas das crônicas de Frei Vicente do Salvador.

Encontramos no livro de Tavares de Lira, a atuação dos inacianos nos momentos das tentativas de negociações entre os índios e os portugueses. Ao contar sua versão sobre esse período, o autor deixou descrita as relações dos missionários com os nativos, e também com os colonos, narrando os primeiros momentos do contato, enquanto os jesuítas estavam em harmonia com os colonos. Em outras passagens, encontramos outras narrativas sobre este primeiro momento da conquista e depois somente sobre a expulsão por Pombal e as suas conseqüências, mas o intervalo entre esse período inicial da colonização da Capitania e a expulsão é omitido da história na qual pesquisamos. O estudo sobre o período das missões na Capitania do Rio Grande foi realizado de forma “superficial” por Tavares de Lira. Entendemos essa omissão porque o século XVIII foi tido, por ele, como um período de paz, sem acontecimentos marcantes, por isso não merecendo destaque na historiografia (LOPES, 2005: 21).

Também podemos explicar tal omissão, ao pensarmos nas principais fontes utilizadas por nosso autor na construção de sua história sobre a temática. Tavares de Lira utilizou prioritariamente Frei Vicente do Salvador<sup>4</sup>, com isso só poderia escrever mais a fundo sobre os fatos descritos pelo cronista, e que haviam acontecido no primeiro momento da conquista, que era o motivo da preocupação do cronista e, conseqüentemente, do historiador já que sua história era a “reprodução” do que estava nas fontes. O segundo período da conquista, no que se refere às missões correspondentes ao século XVIII, foi pouquíssimo explorado por Tavares de Lira, que só volta à temática quando as conseqüências da atuação missionária voltariam a contribuir para a história da nação brasileira e norte-rio-grandense. Sendo assim, os jesuítas ganharam espaços novamente na história, no período de sua expulsão.

Diante do que pesquisamos no livro de Tavares de Lira, sobre a atuação inaciana, ficou evidente que a presença dos padres, mesmo não tendo ocupado grande espaço em sua narrativa, foi considerada como uma atuação “benéfica” para que a posse da terra se

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o período missionário no Rio Grande, sobretudo acerca das missões de aldeamento, ver LOPES, 1999. A respeito da política pombalina no Rio Grande do Norte, consultar LOPES, 2005.

<sup>4</sup> Frei Vicente de Salvador escreveu seus relatos em 1627.

consolidasse para colonização e para que os índios aceitassem a situação que lhes foi imposta. Apesar de não termos encontrado explícitos literalmente os conceitos **pacificação e catequização** nos escritos de Tavares de Lira, nós encontramos as idéias que tais conceitos expressavam a homogeneização e harmonia das relações e o desejo da construção de uma “nação” católica e unificada, como sendo as bases principais de um país civilizado. Sendo assim, o que foi encontrado na *História* desse autor, sobre os jesuítas, corroborou com os ideais que os conceitos citados procuravam expressar, como: a facilidade de conquista que os missionários proporcionaram aos colonizadores, “omitindo”, assim, os possíveis resultados negativos da colonização.

Câmara Cascudo, também se propôs fazer a escrita de uma história total do Estado do Rio Grande do Norte. Posterior a Tavares de Lira, mas possuidor da mesma matriz teórica em relação à escrita da história, utilizou historiadores nacionais, como: Francisco Varnhagen, Rocha Pombo e Serafim Leite; locais, como: Vicente de Lemos e o próprio Tavares de Lira, além de muitos cronistas publicados nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). A diferença básica nos escritos sobre os jesuítas dos dois autores são as fontes documentais que foram utilizadas. Isto porque Câmara Cascudo, além das fontes locais, teve a possibilidade de usar documentos da ordem jesuítica, como os que foram organizados e publicados pelo Padre Serafim Leite, com início na publicação da *História da Companhia de Jesus (1938 -1850)*, da *Monumenta Brasiliae (1956 -1960)* e das cartas jesuíticas.

Encontramos nos escritos de Câmara Cascudo, várias passagens que citam a atuação inaciana em terras potiguares. Antes mesmo da publicação de sua *História do Rio Grande do Norte*, o autor já havia escrito sobre esses missionários em 1940, no artigo: *Os Jesuítas no Rio Grande do Norte*, em que descreveu os feitos que os missionários realizaram no território potiguar. Nesse artigo, utiliza como fonte alguns cronistas, como Henry Koster, Frei Vicente do Salvador, e já toma posicionamento quanto a essa atuação ao afirmar que:

*“[...] Foram os primeiros catequistas da Capitania... Os dois jesuítas são [sic] a velocidade inicial na conquista católica. Procuram os Potiguares ariscos, conversam, discutem, convencem... Francisco Pinto e Samperes são os diplomatas vitoriosos entre portugueses e índios da Cupaóba... Deve o Rio Grande do Norte aos Jesuítas o plano da fortaleza, a escolha provavel [sic.] do local e denominação da Cidade, a pacificação indígena, indispensavel [sic] para o estabelecimento regular dum nucleo [sic] europeu [...]” (CASCUDO, 1940: 200-201).*

Esse trecho deixa evidente que o olhar de Câmara Cascudo sobre os jesuítas era dotado de um “encantamento”, no sentido de que o autor referia-se a respeito dos padres de forma agradecida, enaltecendo o caráter de mediadores culturais, militares e arquitetos-

engenheiros. Essa idéia foi sendo comprovada à medida que pesquisávamos sobre o que Cascudo escreveu sobre o tema, e mesmo sobre o que falou em ocasiões solenes, como orador oficial do IHGRN, quando expressou sua opinião em relação aos “soldados de Santo Inácio”. Por exemplo, quando em sessão solene organizada pelo IHGRN, em vinte e sete de setembro de 1940, em comemoração ao quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus. Segundo consta na ata da sessão, publicada na Revista do IHGRN:

*“[...] produziu [sic] uma brilhante oração, pela qual historiou toda a obra patriótica e cristã [sic] dos discípulos de Inácio de Loyola. O orador demonstrou o heroísmo de Anchieta e continuando, disse que tivemos paginas maravilhosas nas epopéias da Catequese dos indígenas e que os nomes gloriosos de Nóbrega, José de Anchieta, Aspicuelta Navarro e centenas de outros fazem parte integrante da própria civilização [sic] brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonizadoras [sic]. Disse que o Rio Grande do Norte deve muito aos padres jesuítas. De um jesuíta é a planta da fortaleza dos Reis Magos e as vilas de Estremoz [sic] e Ares, hoje cidades, foram aldeias entregues ao seu cuidadoso pastoreio espiritual.[...]” (ATA..., 1935-1940: p. 178-179) (grifo nosso).*

O fragmento em destaque: *fazem parte integrante da própria civilização [sic] brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonizadoras [sic]* evidencia o porquê do tratamento de Câmara Cascudo aos jesuítas. A *História* escrita por ele era preocupada com a idéia de construção e confirmação de uma civilização e identidade local e, sendo assim, via os missionários como responsáveis diretos do sucesso colonizador de formação do território norte-rio-grandense. Por isso, os inacianos foram considerados positivamente na historiografia que Cascudo delineava, tendo em vista que, naquele momento historiográfico da primeira metade do século XX, o que interessava eram fatores que somassem à idéia de unidade e progresso na história do Rio Grande do Norte e do Brasil.

Foi de acordo com a matriz de Serafim Leite, que Câmara Cascudo narrou sobre os jesuítas na sua história. A diferença entre os autores – Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo – está basicamente no acréscimo das fontes documentais, pois a metodologia e o conteúdo quanto aos jesuítas, nesses autores, são basicamente iguais, uma vez que ambos enaltecem os papéis que os jesuítas tiveram no âmbito religioso, militar e como mediadores culturais. Sendo encontrado na obra de Câmara Cascudo, um número bem mais significativo de relatos sobre a temática analisada.

Os conceitos **catequese e pacificação** foram utilizados por Câmara Cascudo como sendo características principais das ações dos missionários e foram reproduzidos das fontes trabalhadas, seguindo a mesma ordem de enaltecimento da ação dos padres, como temos no trecho de Cascudo abaixo:

*“[...] Era indispensável a pacificação da massa indígena, insubmissa, reatcando sempre, transformando a vida dos brancos num estado permanente de inquietação*

*bravia e áspera. É a missão dos jesuítas, dos missionários. Gaspar de Samperes, Francisco de Lemos fazem milagres de persuasão, com as forças irresistíveis da paciência e da tenacidade em serviço da Fé.[...] Os resultados da catequese jesuítica em Serra do Copaoba foram definitivos para a colonização. Copaoba vale Iperoig para o Rio Grande do Norte” (CASCUDO, 1984:26) (grifo nosso).*

Diante do nosso objetivo, compreendemos que os autores em discussão, por estarem inseridos em uma matriz de pensamento que não se preocupava em questionar e nem problematizar as fontes, acabaram reproduzindo a história que encontraram escrita, nas fontes que pesquisaram o assunto, moldando-a de acordo com os seus interesses e construindo novos textos a partir dessa reprodução de uma história que até os dias atuais tem um forte peso na memória e na historiografia da sociedade potiguar.

Partindo da proposta de análise de discurso de Michel Foucault (2005), na qual se tem a idéia de que todo discurso/prática discursiva está imbricado em uma relação de poder que determina e é determinada por uma relação de saber, percebemos nos discursos dos autores trabalhados uma forte ligação e dependência com a história que estava sendo produzida pelo IHGRN. Instituição da qual os dois eram sócios efetivos. Eles escreviam determinados a atender aos interesses da instituição, que era entre outros, o de promover a construção de uma história local definida, demarcada e solidificada a fim de contribuir para uma identidade norte-rio-grandense consolidada. Inseridos em um projeto maior e nacional difundido pelo IHGB, que, segundo Manoel Luís Salgado Guimarães (1988:5-27), era representado por uma historiografia que excluía desse projeto índios e negros, por não portarem a noção de civilização para a época. Nesse projeto, os índios eram integrados na história através da catequização pregada pelos missionários. Afirmação que se comprova com estudo feito por Guimarães sobre o IHGB, quando afirmou que:

*“[...] Os estudos sobre as experiências jesuíticas no trabalho com os indígenas ganharão prioridade na Revista com o objetivo de valer-se dessa experiência histórica para a implementação de um ‘processo de civilização’ capaz de englobar também as referidas populações” (GUIMARÃES, 1988: 20)*

Corroborando com o desejo de uma “nação” homogênea brasileira e, no caso de Tavares de Lira e Câmara Cascudo, uma civilização regional-local Norte-rio-grandense.

A partir do que foi pesquisado, podemos enquadrar os nossos autores analisados, na corrente historiográfica que se colocou a favor da atuação Inaciana. Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo estiveram interessados em seguir suas fontes, como cronistas, os quais escreviam sobre os jesuítas baseados nas cartas da Ordem. E, dessa forma, escreveram com uma postura de valorização ao que foi feito pelos missionários.

### Bibliografia

ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 32/ 37, 1935-1940. p. 178-179.

CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, ano 3, v. 5, n.13/14, p. 199-208, jul./out. 1940.p. 200-201.

\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Norte**. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Disponível em: <<http://www.ciberfil.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 24 nov. 2005.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988. p. 5-27 .

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1938.

LIRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. 2005. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

\_\_\_\_\_. **Missões religiosas**: índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte. 1999. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

MONTEIRO, Denise Mattos. Balanço da historiografia norte-rio-grandense. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH/ RN: o ofício do historiador, 1., 2004, Natal. **Anais...** Natal: EDUFRN, 2006.

PAIVA, E. F; Anastasia, C. M. J. (Org.). **O trabalho mestiço**: maneiras de pensar e formas de viver: séculos XVI a XIX. São Paulo, Belo Horizonte: Annablume: PPGH-UFGM, 2002.

QUEIJA, Berta Ares; GRUZINSKI, Serge (Coord.). **Entre dos mundos**: fronteras culturales y agentes mediadores. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE MEDIADORES CULTURAIIS, 1., Sevilha, 1997.

TAKEYA, Denise Monteiro. História do Rio Grande do Norte: questões metodológicas- historiografia e história regional. **Caderno de História**, Natal: Ed. UFRN, v.1, n.1, p. 8- 11, jul./dez. 1994.